

Filipa Lowndes Vicente (org.)

O IMPÉRIO DA VISÃO

**FOTOGRAFIA
NO CONTEXTO COLONIAL
PORTUGUÊS**

(1860-1960)

70

Índice

O Império da Visão: Histórias de um Livro Filipa Lowndes Vicente	11
Introdução. Fotografia Colonial James R. Ryan	31
1. CLASSIFICAÇÃO / MISSÃO	
A fotografia na obra de Mendes Correia (1888-1960): Modos de representar, diferenciar e classificar da “antropologia colonial” Patrícia Ferraz de Matos	45
O registo da diferença: fotografia e classificação jurídica das populações coloniais (Moçambique, primeira metade do século XX) Cristina Nogueira da Silva	67
“Etnografia Angolana” (1935-1939): histórias da coleção fotográfica de Elmano Cunha e Costa Cláudia Castelo e Catarina Mateus	85
Missão Antropológica de Moçambique (1936-1956) A fotografia como instrumento de trabalho e propaganda Ana Cristina Roque	107
Fotografias da Missão Antropológica e Etnológica da Guiné (1946-1947): entre a forma e o conteúdo Ana Cristina Martins	117
Caçados e caçadores nas fotografias do arquivo da Companhia de Moçambique Bárbara Direito	141

**Olhar as mudanças sociais em São Tomé e Príncipe
através das fotografias**

Augusto Nascimento 157

2. CONHECIMENTO / CIRCULAÇÃO

**Fotografia científica em Angola no último quartel do século XIX:
o caso do naturalista José de Anchieta**

Nuno Borges de Araújo 171

**Do nome à imagem: percursos de uma planta tropical de São Tomé
numa fotografia do final do século XIX**

António Carmo Gouveia 183

**A fotografia e a edificação do Estado Colonial:
a missão de Mariano de Carvalho à província de Moçambique em 1890**

Paulo Jorge Fernandes 195

**Olhares britânicos: Visualizar Lourenço Marques na ótica
de *J and M Lazarus*, 1899-1908**

Noeme Santana 211

A preto e branco: folheando os relatórios médicos da Diamang

Teresa Mendes Flores 223

**O feitiço das imagens: trabalhadores industriais modernos
na paisagem colonial em Moçambique**

Nuno Domingos 243

Imagens de muçulmanos em tempos de sedução colonial

Mário Machaqueiro 259

3. EXPOSIÇÃO / REPRODUÇÃO

Imaginar o império através da revista ilustrada

O *Occidente* (1878-1915)

Leonor Pires Martins 277

O esplendor dos atlas:

fotografia e cartografia visual do Império no limiar do século XX

Teresa Castro 291

Fotografia e ilustração na literatura colonial do Estado Novo

Rita Carvalho 305

Viagens entre a Índia e o arquivo: Goa em fotografias e exposições (1860-1930)	
Filipa Lowndes Vicente	319
Para ver, para vender: o papel da imagem fotográfica nas exposições coloniais portuguesas (1929-1940)	
Nadia Vargaftig	343
Imagens de Angola e Moçambique na metrópole. Exposições de fotografia no Palácio Foz (1938-1960)	
Inês Vieira Gomes	353
Cinema império: contributos para uma genealogia da imagem colonial	
Maria do Carmo Piçarra	367
4. RESISTÊNCIA / MEMÓRIA	
As provas da "civilização": fotografia, colonialismo e direitos humanos	
Miguel Bandeira Jerónimo	387
Angola 1961, o horror das imagens	
Afonso Ramos	399
Etnografia visual da Guerra Colonial. Luta de libertação na Guiné	
Catarina Laranjeiro	435
Descolonizando enunciados: a quem serve objectivamente a fotografia?	
Carlos Barradas	447
A fotografia artística contemporânea como identidade pós-colonial	
Susana Martins e António Pinto Ribeiro	461
Do Arquivo à Instalação, no trabalho de Umrao Singh Sher-Gil e do neto Vivan Sundaram	
Ruth Rosengarten	475
www.diamangdigital.net: memória, performance, colonialidade	
Nuno Porto	487
NOTAS BIOGRÁFICAS	497

O Império da Visão: Histórias de um Livro

FILIPA LOWNDES VICENTE

Como é que nasceu *O Império da Visão*? Por que razão um conjunto de investigadores de áreas e com interesses tão díspares convergiu na abordagem de um tema que tinha sido tratado, em Portugal, de forma episódica e dispersa? O livro é o resultado final de um projecto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia do qual fui a coordenadora: *Conhecimento e Visão: fotografia no Arquivo e no Museu Colonial Português (1850-1950)*¹. A equipa de investigadores foi formada por Isabel Castro Henriques, Joaquim Pais de Brito, como consultor, Nuno Porto, Ana Cristina Martins, Catarina Mateus, Cosimo Chiarelli, e a bolsista de investigação, agora doutoranda no ICS-ULisboa, Inês Vieira Gomes, cujo contributo foi fundamental na organização de todo o projecto. Quando me candidatei à FCT, investigava a Índia colonial portuguesa e britânica, o papel dos intelectuais indianos do século XIX na construção de identidades e a historiografia das mulheres artistas. Mas não tinha ainda trabalhado directamente sobre este tema. Enquanto historiadora dos séculos XIX e XX, com experiência de arquivos diversos, notava como a fotografia estava por todo o lado. Fosse qual fosse o tema, ela surgia, por vezes até de forma incómoda, a impor o seu excesso de visibilidade, a ponto de se tornar paradoxalmente quase invisível e imperscrutável à nossa observação.

Muito em particular, o meu interesse por exposições universais e coloniais confrontava-me permanentemente com a fotografia. A fotografia exposta nas suas constantes mutações tecnológicas e nas muitas exposições que se organizaram em todo o mundo ao longo da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Mas, também, a fotografia, a multiplicar a visualidade das exposições e a fazê-las chegar aos diversos públicos que não as visitavam, mas podiam ver as suas reproduções em jornais, postais e fotografias-souvenirs. O consumo crescente e global de imagens e os modos como as exposições participavam desta mesma cultura visual eram um assunto que me interessava desde há muito. Uma das razões que acabaram por me levar a conceber um projecto de dois anos sobre fotografia, nas suas relações com o império colonial português, foi o de considerar que teria uma utilidade futura para um conjunto alargado de investigadores. O facto de, além do lado teórico – do qual este livro é o resultado –, o projecto ter também uma dimensão de

¹ Projecto de Investigação da Fundação para a Ciência e Tecnologia: PTDC/HIS-HIS/112198/2009.

identificação arquivística e material da fotografia tornava-o um ponto de partida para outros projectos de investigação. Os seus efeitos perdurariam, como espero que venha a acontecer, para além do seu breve tempo de duração, através dos investigadores que beneficiarem da informação disponível e possam vir a usá-la nas suas pesquisas. Um *site* com o nome do projecto irá congrega os principais arquivos *on-line* com colecções de fotografia produzida em contexto colonial português. Alguns destes arquivos já iniciaram os seus processos de classificação e digitalização, outros ainda não o fizeram. Trata-se de um processo em curso, onde as iniciativas e as motivações têm que vir tanto de arquivistas como de investigadores. Este foi, aliás, um dos aspectos mais motivadores deste projecto: o de conjugar uma perspectiva teórica e crítica sobre a fotografia no contexto colonial português, com a identificação das colecções mais significativas existentes em lugares públicos.

Através da organização de um curso de vários dias, que decorreu em Fevereiro de 2013, pudemos juntar a prática com a teoria: metade do tempo foi passado a ouvir e discutir o trabalho de autores tão centrais a este campo de estudo como Elizabeth Edwards² e Christopher Pinney³, consultores do projecto, e a outra metade decorreu em visitas de estudo a colecções fotográficas de alguns arquivos lisboetas. A resposta dos arquivos e bibliotecas ao nosso desafio foi muito positiva. Um grupo de 50 pessoas – de académicos a artistas plásticos, jornalistas e realizadores de documentários – visitou as colecções de fotografia relativas ao período colonial português do Arquivo Histórico Ultramarino, do Museu Nacional de Etnologia, da Sociedade de Geografia, da Torre do Tombo, e do espólio fotográfico Orlando Ribeiro do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa⁴. Durante o curso concentrámo-nos em Lisboa, mas o projecto também incluiu consultas em arquivos e bibliotecas do Porto e de Coimbra. O que ficou claro com esta experiência de encontro entre investigadores, arquivistas e bibliotecários foi a forma como todos temos a aprender uns com os outros e como se impõe a necessidade de trabalharmos em conjunto no sentido de identificar e estudar os vastos espólios fotográficos herdados da experiência colonial portuguesa.

Como têm reconhecido muitos estudos nas últimas décadas, sobretudo no contexto britânico, indiano, francês e holandês, estudar criticamente os impérios coloniais nas suas formações contemporâneas – nos séculos XIX e XX – implica reconhecer a relevância da sua cultura visual e material para além da cultura escrita⁵. Mesmo estas divisões entre texto e imagem podem ser questionadas. Como o demonstram todos os artigos deste livro, independentemente dos seus temas e abordagens, a fotografia está inscrita e é ela própria constituidora das experiências coloniais. Tal como também está inscrita e imbuída de outros documentos, sendo indissociável de uma cultura escrita como de uma cultura material. A sua existência física no “arquivo colonial” – ele próprio objecto de estudo crítico nos estudos pós-coloniais – não é solitária. A fotografia partilha o seu espaço, mais ou menos re-organizado e re-classificado, com muitos outros materiais, como correspondência, postais, livros, revistas, jornais, objectos, ofícios e diários. E, muitas vezes, faz parte deles. As possibilida-

² Elizabeth Edwards, *The Camera as Historian. Amateurs photographers and historical Imagination 1885-1918* (Durham e Londres: Duke University Press, 2012); Edwards e Christopher Morton, orgs., *Photography, Anthropology and History* (Aldershot: Ashgate, 2009); Edwards e Janice Hart, orgs., *Photographs, Objects, Histories: on the materiality of Images* (Londres: Routledge, 2004); Edwards, *Raw Histories: Photographs, Anthropology and Museums* (Oxford: Berg, 2001); Edwards, org., *Anthropology and Photography 1860-1920* (New Haven e Londres: Yale University Press; The Royal Anthropological Institute, Londres, 1992).

³ Christopher Pinney, *Photography and Anthropology* (Londres: Reaktion, 2011); Pinney, *The coming of photography in India* (Londres: British Library, 2008); Pinney e Nicolas Peterson, orgs., *Photography's Other Histories (Objects/Histories)* (Durham e London: Duke University Press, 2003); Pinney, *Camera Indica. The Social Life of Indian Photographs* (Londres: Reaktion Books, 2007).

⁴ Quero aqui agradecer o empenho e profissionalismo com que nos receberam nas respectivas instituições: no Museu Nacional de Etnologia, Joaquim Pais de Brito, o seu director e consultor do projecto, e Carmen Loureiro Rosa, responsável pela Biblioteca; no Arquivo Histórico Ultramarino, a sua directora Ana Canas e as investigadoras do projecto Ana Cristina Martins e Catarina Mateus; na Sociedade de Geografia, Manuela Cantinho, responsável pelo Museu; no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, o seu director Silvestre Lacerda, e os arquivistas Fernando Costa e Paulo Tremoceiro, assim como a conservadora Carla Lobo; e, finalmente, no Centro de Estudos Geográficos, agradeço a Rute Vieira e a Mário Neves.

⁵ Martin Jay e Sumathi Ramaswamy, orgs., *Empires of Vision. A Reader* (Durham e Londres: Duke University Press, 2014); Elizabeth Edwards e Kaushik Bhaumik, *Visual sense: The Cultural Reader* (Oxford: Berg, 2008); Vanessa R. Schwartz e Jeannene M. Przyblyski, orgs., *The Nineteenth-Century Visual Culture Reader* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 2004); Jessica Evans e Stuart Hall, orgs., *Visual Culture: the Reader* (Londres: Sage; The Open University, 1999); Nicholas Mirzoeff, org., *The Visual Culture Reader* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 1998).



Postal Fotográfico, Companhia de Diamantes de Angola, Andrada, "Mulheres de trabalhadores contratados, regressando de uma distribuição de mandioca, feira pela Secção de Propaganda e Assistência à Mão de Obra Indígena, da Companhia (SPAMOI)", sem data. Col. F.L. Vicente.

des de reprodução da fotografia, exploradas em muitas das contribuições a este livro, revelam que a produção de conhecimento colonial, impresso e manuscrito, se caracterizou por uma articulação entre texto e imagem.

O projecto centrou-se apenas em bibliotecas e arquivos públicos. Apesar de considerar que os arquivos pessoais e privados são igualmente relevantes. O próximo grande passo de investigação será o de mapear e estudar as memórias privadas da experiência colonial, aquelas que hoje ainda se encontram nas casas daqueles que a viveram. Os arquivos privados onde se misturam fotografias, diários, cartas e objectos, de vários momentos históricos, e onde as histórias de vida, na sua especificidade e intimidade, se cruzam com as texturas da história ao mesmo tempo que as constituem. No fundo, a "viragem biográfica" a acompanhar a "viragem arquivística" de que Ruth Rosengarten nos fala no seu artigo neste livro. O tempo limitado do projecto e o facto de eu considerar que a fotografia não era um objecto suficientemente valorizado por parte de alguns arquivos e bibliotecas e, sobretudo, por parte dos historiadores, fez-me concentrar na dimensão mais pública da fotografia. No entanto, o estudo sobre o arquivo pessoal/colonial é, talvez, ainda mais urgente, na medida em que as histórias de vida tendem a ser mais voláteis e frágeis do que as histórias das colecções e arquivos institucionais. E como também me informa a minha consciência feminista, "o que é pessoal é político".

Mesmo a última geração que viveu a sua vida adulta em contexto colonial, fosse qual fosse o seu lugar, está a envelhecer. Muitos já morreram. As suas vozes precisam de ser ouvidas porque são elas que também dão sentido aos documentos escritos e materiais dos seus arquivos pessoais. Sem essas vozes, as fotografias correm o risco de se tornarem “fotografias encontradas” (*found photographs*) como aquelas mostradas recentemente na Galeria de Fotografia Pickpocket, em Lisboa, *Álbum Lixo. Resíduos fotográficos da Feira da Ladra*. São fotografias vendidas na Feira da Ladra em Lisboa, soltas, às vezes isoladas, outras vezes em conjunto. Muitas vezes abandonadas no chão de Santa Clara quando, no fim da feira, os vendedores deixam para lá aquilo que pensam já não ter valor. Às vezes, compro-as, muitas vezes compro só uma de um conjunto, com a consciência de que estou a fragmentar ainda mais aquelas histórias de vida abandonadas e a entrar numa intimidade que não é a minha. Imagino as histórias daquelas vidas que nunca conhecerei. A fotografia enquanto lugar de memória ou de esquecimento, de dor como de saudade, de alegria como de sofrimento. Olho para elas com a grelha dos meus interesses, mas ao fazê-lo estou a retirá-las dos outros contextos que lhes deram sentido. As fotografias são tão difíceis e problemáticas também por isso. Ora, fazem parte de um arquivo e de histórias escritas ou orais que as sobrecarregam de significado, de afectos, de emoções, de vidas, de histórias. Ora surgem sozinhas, perdidas, mudas. Todos vemos, mas ver não é fácil. E essa aparente facilidade da visão torna as imagens ainda mais invisíveis.

Não que se possa estabelecer uma fronteira entre arquivos institucionais e públicos, e arquivos pessoais e privados. Eles cruzam-se de muitas formas. Os arquivos públicos também acolhem infundáveis arquivos pessoais, histórias, memórias e materiais de vidas, individuais e fragmentadas. Cabe também aos investigadores interpelarem os arquivos, nas suas estabilidades aparentemente imóveis. Os muitos estudos que, nas últimas décadas, se têm escrito sobre fotografia em contexto colonial vieram sem dúvida, problematizar este arquivo colonial⁶. Este livro chega num momento em que esta área já está consolidada desde há muito nalguns países, sobretudo na Grã-Bretanha. Ou melhor, num momento em que a própria ideia de “fotografia colonial” está a ser posta em causa⁷. Será que faz sentido pensar na fotografia no contexto colonial português e não simplesmente na fotografia? Será que se deve chamar “colonial” à fotografia produzida em Goa ou em Moçambique, em Timor ou São Tomé? Tal como será que faz sentido chamar “Orientalista” àquela feita no Império Otomano?

As historiografias nacionais têm tempos distintos. Mesmo num momento em que já não deveria fazer sentido falar em historiografias nacionais. Uma questão com a qual nos temos de confrontar, aos escrevermos a partir de Portugal, ou qualquer outro país que não esteja em sintonia teórica com outros lugares, é se devemos saltar etapas ou temos que passar por todas elas. A partir deste lugar – Portugal 2014 – estamos ainda na fase de sentir que há muito por fazer, na história da fotografia portuguesa em geral, e na história da fotografia em contexto colonial. Ao mesmo tempo, temos muito mais acesso

⁶ Zahid Chaudhary, *Afterimage of Empire: Photography in Nineteenth-Century India* (Minneapolis, MN, University of Minnesota Press, 2012); Eleanor M. Hight e Gary D. Sampson, orgs., *Colonialist Photography. Imag(in)ing race and place* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 2002); Paul S. Landau e Deborah J. Kasplin, *Images and Empires: Visuality in Colonial and Postcolonial Africa* (California: California Scholarship, 2002); Nuno Porto, *Angola a Preto e Branco – Fotografia e Ciência no Museu do Dundo, 1940-1970* (Coimbra: Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, 1999); Christraud M. Geary, *Images of Bamum: German Colonial Photography at the Court of King Nyoja, Cameroon, West Africa, 1902-1915* (Washington DC: Smithsonian Institution Press, 1988).

⁷ Christopher Pinney, “What’s photography got to do with it?”, in *Photography’s Orientalism. New Essays on Colonial Representation*, orgs., Ali Behdad e Luke Gartlan (Los Angeles: Getty Research Institute, 2013), pp. 33-52.